

FOTOGRAFIAS DO ENSINO COMERCIAL: REPRESENTAÇÕES VISUAIS NO SENAC PARANÁ (1947-1961)

Danuza Woellner Pacce Peraceta*

lattes.cnpq.br/3494962656304245

Resumo: O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – Senac, foi criado de 1946 e instalado no Paraná, em 07 de julho de 1947, no intuito de desenvolver cursos do ensino comercial ao público interessado em atuar profissionalmente em estabelecimentos do comércio. Com base nas imagens fotográficas do acervo próprio da instituição foi possível identificar possíveis representações visuais presentes nas salas de aula do Senac/PR no período compreendido entre 1947 a 1961.

Palavras-chave: Representações Visuais; Fotografias; Ensino Comercial; Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

PHOTOS OF THE COMMERCIAL EDUCATION: VISUAL REPRESENTATIONS AT SENAC PARANÁ

Abstract: The National Service of Commercial Learning-Senac, was created in 1946 and installed in Parana, in July 07, 1947 in order to develop commercial education courses to the public interested in acting professionally in trade establishments. Based on photographic images of the acquis of the institution it was possible to identify possible Visual representations present in classrooms at Senac-PR in the period from 1947 to 1961.

Keywords: Visual Representations; Photos; Commercial Education; Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

* Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná, UFPR (Brasil). Contato: danuzawp@yahoo.com.br.

A imagem fotográfica, antes de ser abordada pela História, já fazia parte do contexto de outras áreas do conhecimento como a Sociologia e a Antropologia, por exemplo. A sua utilização no campo da História surgiu de forma mais significativa com a terceira geração da *Escola dos Annales* (BURKE, 2010), na metade do século XX, quando historiadores propuseram uma reflexão a partir de novos problemas, abordagens e objetos. Especificamente na História da Educação, as fotografias passaram a ser abordadas nas pesquisas históricas no Brasil, apenas na década de 1990, com a realização de debates e reflexões entre historiadores e pesquisadores de diferentes áreas, no intuito de verificar o valor e os limites alcançados pelas imagens fotográficas.

As pesquisas realizadas com fotografias escolares na perspectiva da História da Educação são repletas de possibilidades que estimulam as análises e ampliam o surgimento de novos temas (VIDAL; ABDALA, 2005, p. 192). Para algumas instituições escolares, o registro fotográfico é considerado um meio de divulgar e legitimar a escola frente à sociedade em geral. Embora as pesquisas históricas que envolvam fotografias escolares apresentem um aumento, elas demandam critérios, seja na localização, na catalogação ou na análise das imagens, devido à necessidade de situá-las num determinado tempo e espaço. O ofício do historiador, nesse sentido, consiste em criticar o documento e utilizar alguns métodos de análise que lhe permitam a leitura dos documentos visuais (CANABARRO, 2005, p. 26).

Em decorrência das possibilidades de análises e inúmeros temas existentes, as fotografias escolares apresentam papel relevante na transmissão da cultura escolar, uma vez que se constituem como fontes de pesquisas, com diferentes abordagens e vertentes de investigação (KOS-SOY, 2007, p. 34). No entanto, é necessário considerar que as imagens fotográficas de qualquer natureza não se sustentam individualmente, tampouco são neutras e isentas de manipulação. Da mesma forma, como se faz com outros documentos, as fotografias escolares devem ser analisadas a partir de suas especificidades. Nesse contexto, propõe-se apre-

sentar algumas representações visuais identificadas nas imagens fotográficas do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – Senac, no Paraná, entre 1947 a 1961.

Para tanto, utilizou-se como fontes, as fotografias que compõem parte do acervo do Senac Paraná, as legislações específicas do Senac, assim como, os relatórios institucionais, que trazem informações sobre as ações educacionais e administrativas realizadas pela Instituição, durante o período de 1947 a 1961.

O Senac no Paraná

No início da década de 1940, ocorria no Brasil o período que ficou conhecido como Estado Novo, instituído por Vargas em 1937. Nessa fase, foram estabelecidas as bases e os fundamentos para que o setor industrial se desenvolvesse no país (PANDOLFI, 1999, p. 24). Com base nesse cenário foi realizada, em 1945, a I Conferência das Classes Produtoras do Brasil – CONCLAP, com a presença de representantes de diferentes setores da economia brasileira. Esse evento tratou, dentre outros assuntos, do ensino comercial. E a partir do exemplo do setor industrial, que instituiu a Confederação Nacional da Indústria, o comércio, nesse mesmo acontecimento, criou a Confederação Nacional do Comércio (CNC). E uma das ações iniciais dessa conferência foi fundar uma instituição de ensino comercial que se responsabilizasse pela qualificação de trabalhadores para o setor do comércio (SENAC, DN, 2006, p. 12).

A partir dessa Conferência, em 10 de janeiro de 1946, por meio do Decreto-Lei nº 8.621, o Senac foi criado. Este Decreto autorizou que a Confederação Nacional do Comércio organizasse e administrasse, em todo o território nacional, escolas de aprendizagem para trabalhadores e interessados em atuar no setor comercial. Ainda, na mesma data foi promulgado o Decreto-Lei nº 8.622, que definiu a aprendizagem dos comerciários e estabeleceu os deveres dos empregadores e trabalhadores menores de idade. A partir deste momento, o Senac começaria a receber

seus primeiros alunos, os menores aprendizes com idades entre 14 e 18 anos.

Com a promulgação do Decreto-Lei que criou a Instituição, havia a necessidade de instituir condições mínimas para o funcionamento em todas as regiões do país, uma vez que se tratava de uma proposta nova para se trabalhar com o ensino comercial. Para tanto, estabeleceu-se um Departamento Nacional, localizado na cidade de São Paulo, nove Delegacias e sete Departamentos Regionais distribuídos pelo restante do país¹. Em Curitiba, no Paraná, o Senac foi criado como Delegacia, em 07 de julho de 1947, com o objetivo de elevar o nível técnico e profissional dos comerciários (SENAC/Departamento Nacional, 2006, p. 14).

A fotografia como fonte histórica

Álbum, imagem e pose são palavras que remetem à fotografia, e esta, por conseguinte, caracteriza-se por uma importante fonte para as pesquisas em História da Educação. Mas enquanto fonte de pesquisa histórica, o uso da fotografia deve ser considerado como mais um elemento que atribui sentido à pesquisa (RAGAZZINI, 2001, p. 14). E nesse contexto, o desafio para o historiador está em não utilizar as imagens fotográficas como mera “ilustração da linguagem textual” (MACHADO JR., 2011, p. 44).

Exemplo altamente sintomático da persistência dessa inclinação para usos ilustrativos da imagem são estudos de altíssima qualidade e ornados de farta e bela documentação visual, às vezes até em grande parte inédita, e que dizem respeito à história do cotidiano, da vida doméstica, das relações de gênero, das crian-

¹ Início das atividades do Senac nos Estados: Acre (1977), Alagoas (1946), Amapá (1974), Amazonas (1947), Bahia (1947), Ceará (1946), Distrito Federal (1967), Espírito Santo (1947), Goiás (1947), Maranhão (1947), Mato Grosso (1947), Mato Grosso do Sul (1980), Minas Gerais (1948), Pará (1947), Paraíba (1946), Paraná (1947), Pernambuco (1946), Piauí (1947), Rio de Janeiro (1946**), Rio Grande do Norte (1946), Rio Grande do Sul (1946), Rondônia (1977), Roraima (1999), Santa Catarina (1947), São Paulo (1946), Sergipe (1947) e Tocantins (1997).

ças, etc. As imagens, contudo, não têm relação documental com o texto, no qual nada de essencial deriva da análise dessas fontes visuais; ao contrário, muitas vezes algumas delas poderiam mesmo contestar o que vem sendo dito e escrito, ou ao menos, obrigar a certas calibrações. O pior, entretanto, é contemplar o desperdício de um generoso potencial documental. (MENESES, 2003, p. 21).

Fundamentando a compreensão de que a fotografia é mais uma importante fonte histórica, que possui “um generoso potencial documental” (MACHADO JR., 2011, p. 45), dentre as várias fontes possíveis, Bloch (2001, p. 79) afirmou que a “diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca, pode e deve informar sobre ele”. É necessário que o historiador, ao selecionar suas fontes, interrogue-as e critique-as (BLOCH, 2001). As questões feitas ao passado são baseadas no presente, ou seja, “por mais controlada que seja pela análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente” (CERTEAU, 2006, p. 33).

A função da fotografia, nesses termos, é preservar o passado ou subsidiar as ciências para “melhorar a apresentação real do mundo” (DUBOIS, 1993, p. 30). Enquanto fonte caracteriza-se como um dos contatos possíveis com o passado, que permite a verificação e propicia a construção de conhecimentos sobre ele (RAGAZZINI, 2001, p. 14). No entanto, cabe ressaltar que as imagens fotográficas carregam as motivações e os interesses do autor da imagem.

A fotografia é dotada metaforicamente de um “poder misterioso e divino de ressuscitar simbolicamente os mortos, de autorizar a volta dos corpos da morte para a vida, ressuscitar o que o tempo eliminou, de inverter o curso” (ROUILLÉ, 2009, p. 2011), por meio da análise e da interpretação das imagens que representam o passado, que em algum momento foi presente, especialmente para aqueles que vivenciaram, lembraram ou testemunharam o instante do registro. Mauad (2008) afirma sobre as fotografias:

[...] no processo de constante vir a ser recuperam o seu caráter de presença, num novo lugar, um outro contexto e com uma função diferente. Da mesma forma que seus antigos donos, o

historiador entra em contato com este presente/passado e o investe de sentido, um sentido diverso daquele dado pelos contemporâneos da imagem, mas próprio à problemática a ser estudada. Aí reside a competência daquele que analisa imagens do passado. (MAUAD, 2008, p. 41)

Logo, o desafio para o historiador está em reconhecer que a fotografia é dotada de uma história e que para compreendê-la é necessário que o olhar do pesquisador esteja “alfabetizado”, ou seja, é preciso interrogá-la e analisá-la em todo o seu contexto, o assunto, o fotógrafo e a tecnologia utilizada (KOSSOY, 2001, p. 37). Dessa forma, o fotógrafo é o mediador existente entre o sujeito fotografado e a tecnologia utilizada.

Kossoy (2001) e Mauad (2008) afirmam que o significado da imagem representada no suporte de uma fotografia, dependerá de quem olha, a partir de regras culturais aceitas como válidas e que estejam institucionalizadas em âmbito social. Tal imagem subsidiará na compreensão do contexto em que foi produzida, uma vez que expressa valores, escolhas e referências. Além disso, ao ser materializada, possibilitará apropriar diferente contexto e momento histórico (ABDALA, 2013, p. 45). Logo, pode-se afirmar que por meio da imagem fotográfica é possível

ler com frequência relações pessoais, políticas, de poder, muitas vezes omitidas, relegadas e até mesmo negadas pelos indivíduos envolvidos. [Ela] permite também mostrar elementos que compõem a realidade vivenciada pelas pessoas retratadas e sua época, através dos trajes, posturas, expressão, cenários e ambientes registrados. (BONATO, 2003, p. 21).

Para tanto, é necessário que o historiador estabeleça um diálogo entre as fotografias e as demais fontes que trazem informações sobre o período retratado, de forma auxiliar no processo de análise dessas imagens. No entanto, esse diálogo, por vezes, apresenta-se truncado quando se trata da dificuldade encontrada pelo historiador. As imagens fotográficas não podem ser pensadas de forma isolada, pois são partes integrantes de determinadas circunstâncias, ou como afirmou Canabarro (2015, p. 101), são “fruto de todo um trabalho que as torna elementos representativos de questões e posições sociais, construídas ao longo do tempo”. De fato, as fotografias possibilitam a construção do conhecimento histórico,

quando ultrapassam a simples descrição da imagem e expressam não apenas os indivíduos, mas o cotidiano das pessoas.

Kossoy (2001, p. 32) aponta ainda que toda fotografia resulta de uma criação que tem sua elaboração baseada nos aspectos técnicos, culturais, estéticos e ideológicos e, que, para compreendê-la se faz necessário perceber a sua capacidade epistemológica enquanto representação e documento visual. Uma das condições para ler uma imagem fotográfica é conhecer, compreender ou ter vivido situações ou condições que estão representadas na fotografia, uma vez que o olhar está sempre voltado para a relação estabelecida entre quem a vê e a própria fotografia. Em razão disso, a imagem que se vê é sempre aquela desencadeada pela memória (LEITE, 2001, p. 145).

A imagem fotográfica tem sua produção caracterizada num espaço e tempo específicos, a partir de um mecanismo tecnológico utilizado pelo fotógrafo, com base na sua percepção de cultura, desenvolvimento de habilidades, no qual seleciona o assunto que compõe um determinado contexto. Ela se constitui numa representação à medida que parte da premissa da presença de um referente que participou diretamente do ato fotográfico. Para Kossoy (2001, p. 153) não há possibilidade de avaliar a relevância das imagens fotográficas, se não houver um esforço em conhecer e compreender o momento histórico na qual elas foram registradas.

O contexto histórico no qual as fotografias encontram-se colocadas é interpretado sempre no tempo presente daquele que as olha. Isso faz com que a análise crítica do conteúdo fotográfico seja influenciada pelo espaço e pelo tempo. Com base nisso, as representações de cada imagem estão baseadas em distintas interpretações. Para Kossoy (2007, p. 147-148), a fotografia possibilita aprender, recordar e criar novas realidades. A construção de realidades parte, da interação, entre as imagens técnicas, ou seja, aquelas que estão retratadas numa fotografia, com as imagens mentais, provenientes de quem as observa. Isso significa que a interpretação das fotografias varia conforme quem as olha. Para Sontag (2013, p. 122) cada foto é apenas um fragmento, pois ela se altera a partir do contexto em que é analisada. E cada contexto sugere um uso diferente, no entanto, nenhuma pode assegurar seu significado. Isso denota que uma

mesma fotografia pode ser observada por diferentes pesquisadores, porém, a forma como irão compreendê-las e interpretá-las dependerá do contexto na qual as imagens estão inseridas.

Segundo Kossoy (2001), a imagem representada na fotografia tem significado quando se conhece e compreende os elos de ligação de fatos ausentes na imagem. Sendo assim, o entendimento de uma imagem fotográfica ocorre quando se tem conhecimento sobre o contexto na qual a fotografia foi produzida. Como a fotografia aproxima-se de um dado “real”, pois cria a ilusão de comprovação de que algo de fato aconteceu, tende a ser considerada como uma representação da realidade ali apresentada. Porém, por não ser neutra, passa por diferentes interpretações. Essa variedade de interpretações está diretamente relacionada às representações.

As representações visuais no Senac Paraná

As imagens fotográficas apresentam características específicas que as constituem como fonte histórica. Elas trazem vestígios que, ao serem interpretadas, informam sobre fatos, pessoas e lugares reais, no entanto, essas realidades não correspondem necessariamente àquelas que envolveram o contexto do passado. Isso porque se trata da realidade do documento, da representação que foi construída e tornou-se o elo material do tempo e do espaço representado pela imagem (KOSSOY, 1999, p. 22). Logo, toda e qualquer imagem fotográfica traz consigo uma história seja como instrumento de fixação da memória, que apresenta objetos, rostos, entre outros, seja como representação que estimula a imaginação sobre o que está implícito na imagem. (KOSSOY, 2005, p. 40)

Segundo Canabarro (2005, p. 35) trabalhar com representações visuais na historiografia pressupõe aproximar-se da história cultural² e

² A história cultural trabalhada por Roger Chartier é uma modalidade que procura entender a produção de sentido das palavras, das imagens e dos símbolos e busca a

consequentemente dos estudos sobre representação, discutido pelo historiador francês Roger Chartier, que entende ter o conceito de representação dois sentidos distintos. No primeiro, a representação tem a finalidade de substituir uma ausência por uma presença. No segundo, a representação é tida como uma exibição de poder e identidade.

Roger Chartier (2011, p. 20), afirma no texto “Defesa e ilustração da noção de representação”, que o conceito de representação foi e permanece sendo um apoio na articulação das variadas relações que indivíduos e grupos estabelecem com o mundo social. Para o autor, a representação admite que a coisa, o conceito ou a pessoa ausente sejam substituídos por pinturas, palavras, gestos, figuras, entre outros, que a represente de forma adequada (CHARTIER, 2011, p. 17). Kossoy (2005, p. 41), nesse contexto, afirmou que no caso da fotografia, a representação não apenas substitui o objeto ou o ser ausente, mas pressupõe a elaboração de uma nova realidade para efetivar essa substituição. Para ele, é nesse momento que nasce a representação fotográfica, ou seja, o registro passa a corresponder apenas ao que está aparente, ocultando, dessa forma, a história do assunto e da própria representação. A fotografia se refere, portanto, à realidade externa dos fatos, das fantasias e das coisas do mundo e mostra uma determinada versão iconográfica do objeto representado, que se constitui numa outra realidade fotográfica, isto é, numa segunda realidade (Kossoy, 2005, p. 40). Com isso, toda e qualquer imagem fotográfica independentemente de quando ela foi registrada será sempre uma segunda realidade.

A fotografia exerce uma função de relevância no processo de construção de referências visuais específicas do espaço escolar. Ela geralmente traz o ambiente da sala de aula, o mobiliário que o compõe, faz alusão às atividades escolares, apresenta professores e alunos com posicionamentos bem distintos no recorte fotográfico, entre outros. Todos esses

reconstrução das práticas culturais em termos de recepção, de invenção e de lutas de representações. Trabalha também com as diferentes formas de apropriação de discursos, de textos (verbais e não-verbais) e da produção do sentido, sendo este diferenciado pelas posições que os atores ocupam socialmente. (CANABARRO, 2005, p. 36).

aspectos remetem às cenas típicas de instituições educacionais que foram convencionadas pela sociedade. Segundo Abdala (2013, P. 132), “as cenas típicas informam pedagogicamente sobre as funções sociais. A cena tem forte vinculação com a teatralização, e constitui-se como espécie de alegoria da composição social”.

No ensino comercial desenvolvido pelo Senac/PR, as fotografias de salas de aula também refletem algumas convenções estabelecidas socialmente, que vão além das características próprias da educação escolar, uma vez que trazem ambientes que simulam espaços profissionais, como salão de beleza e restaurante. Além disso, como a instituição oferecia ações que tinham por objetivo profissionalizar pessoas para trabalharem em estabelecimentos do comércio, as representações visuais contidas nas fotografias também podem trazer informações sobre como se dava essa formação e qual era o público desses cursos.

A inserção feminina no ensino comercial

Nas décadas de 1940 e 1950, em Curitiba, as jovens mulheres preparavam-se profissionalmente para formação de educadoras familiares, professoras de economia doméstica, enfermeiras e para o magistério (CINTRA, 2005). O trabalho como professora por muito tempo foi praticamente o único no qual as mulheres puderam exercer uma atividade profissional remunerada, uma vez que em outras áreas, com predominância masculina, o acesso era negado para elas (ALMEIDA, 1998, p. 23).

Com o pós-guerra, os europeus estimulavam a saída das mulheres dos postos de trabalho e o conseqüente retorno ao lar, com o intuito manter o ambiente doméstico e aumentar a população. O Brasil e até mesmo Curitiba, a partir dos exemplos europeus, adotou a chamada pedagogia do casamento, na qual as mulheres abandonavam seus empregos no momento em que casavam e constituíam um novo núcleo familiar. Porém, tanto na Europa quanto no Brasil houve mulheres que resistiram a essa pressão (CINTRA, 2005, p. 62-63). Tal resistência, a partir da dé-

cada de 50, no Brasil, “representou a medida mais importante da integração das mulheres na atividade produtiva nacional. Marcou uma ruptura simbólica com a exclusividade do trabalho doméstico” (PINSKY, 2014, p.176).

Essa integração estava em consonância com o desenvolvimento da indústria e do comércio, em âmbito nacional e regional, situação que ocasionou um aumento na diversidade de atividades profissionais possíveis de serem realizadas por mulheres, que ultrapassavam as áreas da educação e da saúde. Com isso, algumas instituições escolares que ofertavam o ensino comercial, passaram a apresentar um corpo discente também composto por mulheres, como mostra a figura 1, que se refere a um recorte fotográfico do curso Prático de Escritório, realizado na Escola Técnica do Comércio Remington do Paraná, localizada em Curitiba. Cabe ressaltar que essa foi a única turma exclusivamente feminina que o Senac/PR realizou em todo o Estado, no ano de 1952 (SENAC/PR, 1952). Nessa imagem, percebe-se uma turma exclusiva de jovens mulheres, sentadas em carteiras escolares para duplas, num espaço construído em madeira e aparentemente pequeno, visto a proximidade entre as alunas. Ao lado direito nota-se pelas janelas, que a cena foi retratada no período noturno e com base na vestimenta das alunas, pode-se considerar que o clima não estava frio.

A utilização do enquadramento diagonal estimulou que algumas alunas movessem o corpo, a cabeça ou apenas o olhar para o posicionamento do fotógrafo. Outras se mantiveram de cabeças baixas escrevendo ou simulando uma escrita. Do total de alunas presentes no recorte fotográfico, nove olham para a câmera fotográfica no momento do registro, sendo que as duas que estão em primeiro plano sorriem, outras duas é possível ver apenas os olhos, três sorriem discretamente e uma bem ao centro da imagem, olha seriamente em direção ao fotógrafo.

O sorriso de algumas alunas pode não estar diretamente relacionado a um momento de alegria, uma vez que se refere a uma expressão corporal da face, e, portanto, não se caracteriza necessariamente como um estado psicológico momentâneo (MACHADO JR., 2011, p. 222).

Ao relacionar o texto da legenda com a imagem, que afirma tratar-se do recorte fotográfico de uma aula inaugural, é possível justificar ou explicar a presença dos quatro homens em pé ao fundo da sala de aula, em frente à porta de acesso ao ambiente. Um deles pode ser o professor e os demais, representantes da Escola Técnica do Comércio Remington do Paraná e do Senac, como o prof. Danillo Lorusso, Assistente Técnico de Ensino (SENAC/PR, 1952), posicionado como o primeiro à direita.

Figura 1 – Aula inaugural na Escola Técnica do Comércio Remington do Paraná. Prático de Escritório, em 1952³. Fonte: Acervo Senac/PR.



A presença feminina nos cursos de ensino comercial desenvolvidos pelo Senac/PR, tornava-se uma realidade, embora em comparação ao número de alunos do sexo masculino ainda fosse predominante, no ano

³ A Escola Técnica de Comércio Remington do Paraná, antiga Faculdade de Comércio do Paraná, ministrou os cursos Propedêutico e Contador. (CINTRA, 2005, p. 77).

de 1952. No referido ano, a Instituição teve um total de 916 alunos, sendo 508 do sexo masculino e 408, do feminino. Desse universo, o número de desistentes foi maior entre às mulheres, que apresentou 230, em comparação aos homens, com 192 desistências. É possível ponderar que embora as mulheres desejassem e mesmo procurassem inserir-se no mercado de trabalho, desempenhando atividades diferentes dos setores da educação e da saúde, a permanência delas nessa nova realidade ainda apresentava dificuldades.

A predominância masculina no ensino comercial

Desde a criação do Senac, no Paraná, o perfil dos alunos matriculados nos cursos comerciais era predominantemente masculino, pois as mulheres, embora se fizessem presentes, estavam em menor número e, apenas, em algumas ações desenvolvidas pela Instituição. Essa predominância masculina estava relacionada às próprias características das ocupações que assumiriam após a conclusão do curso, ou seja, atuariam em estabelecimentos comerciais de diferentes segmentos, como escritórios, lojas, hotéis, bares, restaurantes, entre outros. Os registros fotográficos realizados em algumas turmas do Senac/PR constataam aparentemente esse maior número de alunos.

Em 1952, no mesmo período que ocorreu o curso Prático de Comércio, em Curitiba, na Escola Técnica do Comércio Remington do Paraná apenas para jovens mulheres (Figura 1), o Senac desenvolveu em sistema de cooperação com a Escola Técnica de Comércio Plácido e Silva, o mesmo curso para uma turma de alunos exclusiva do sexo masculino (SENAC/PR, 1952), conforme representado pela Figura 2.

Ao analisar a imagem, percebe-se que em decorrência do enquadramento diagonal utilizado pelo fotógrafo e seu posicionamento próximo ao objeto, nesse caso os alunos, pode-se ponderar que o espaço físico da sala de aula retratada não parece ser amplo. E a estratégia adotada pelo autor da foto, foi aparentemente organizar os alunos, de forma que to-

dos coubessem no recorte fotográfico, por isso, que está evidente a existência de pouco espaço entre as colunas e fileiras de carteiras duplas, além de um provável recuo para o fundo da sala. Nota-se que o mobiliário⁴ construído para duas pessoas, na segunda coluna, possuía três, claramente apertadas, se considerar que o aluno que está ao meio, tem as pernas e os pés muito próximos um do outro e o corpo tem um discreto movimento lateral.

Figura 2 – Aula inaugural do Curso Prático de Escritório, na Escola Técnica de Comércio Plácido e Silva, em 1952. Fonte: Acervo Senac/PR.



⁴ As carteiras escolares, nos séculos XIX e meados do XX, eram construídas para acomodar, coletivamente, grupos de até seis alunos. Com o passar dos anos, o tamanho do mobiliário diminuiu, passou a acomodar duplas de alunos. Carteira e cadeira era um móvel único que impossibilitava a movimentação e o ajuste pelo aluno. (BENCOSTTA, 2013; ALCÂNTARA, 2014).

A maior parte dos alunos está com o olhar voltado ao material sobre a carteira, como se estivessem escrevendo algo, no entanto, alguns direcionam os olhos para o fotógrafo, no intuito aparente de acompanhar o trabalho que ele desenvolvia. Ao fundo da sala, em pé, estão o professor Danillo Lorusso, Assistente Técnico de Ensino do Senac, possivelmente a mulher ao meio ou o homem à direita da imagem devem ser o representante da Escola Técnica de Comércio Plácido e Silva e o outro, professor ou vice-versa. O fato é que se evidencia a intenção do Senac/PR em registrar a presença de algum representante nos cursos realizados em cooperação com outras instituições escolares, especialmente nas aulas inaugurais, como indica o texto da legenda, no intuito de dar visibilidade ao trabalho desenvolvido por eles. Nesse ritual de se fazer uma fotografia fica subentendido aspectos que envolvem o social e cultural, não apenas do fotógrafo, mas também das pessoas que têm suas imagens representadas nesse artefato.

Os docentes do Senac/PR

O Senac foi criado no Paraná no ano de 1947, com a oferta dos cursos Prático de Escritório e Prático de Comércio (Balconista), em regime de cooperação com Escolas Técnicas do Comércio e grupos escolares estaduais, tanto em Curitiba, quanto nos municípios do interior e do litoral. Somente em 1948, é que o Senac/PR instalou no Edifício do Sindicato dos Empregados do Comércio, no centro da capital, o Escritório Modelo, para ofertar os cursos Especialização para Contabilistas e Prático de Escritório, denominados como cursos próprios, ou seja, aqueles pelos quais, a instituição seria a responsável por contratar professores, mediante a comprovação de títulos, acompanhar e supervisionar o desenvolvimento das ações. Já os chamados cursos de cooperação, eram aqueles realizados em parceria com outras instituições escolares, que tinham a responsabilidade pela contratação de professores, mediante registro nas diretorias competentes do Ministério da Educação e Cultura, e, a consequente supervisão das atividades (SENAC/PR, 1948).

Com a implantação do Escritório Modelo, o Senac/PR contratou os dois primeiros professores. Com a saída desses profissionais, outros foram contratados, e deu-se início a um rodízio, pois o tempo de trabalho dos docentes no Senac/PR era de um ano ou pouco mais, se considerar os registros que constam nos relatórios gerais. Em 1952, os cursos Escrituração Mercantil e Correspondente passaram também a serem realizados no Escritório Modelo, no entanto, o quadro manteve-se com dois docentes. Nesse mesmo ano, foi contratada a primeira professora do Senac/PR para atuar no curso Prático de Escritório (SENAC, 1952). Somente dois anos mais tarde, é que outra professora foi contratada para ministrar aulas na cadeira de estenografia (SENAC, 1954). Em 1955, o Senac/PR passou a atender aos chamados cursos obrigatórios, ou seja, cursos de aprendizagem previstos instituídos pelo Decreto-Lei nº 8.622/1946.

Em 1956, a instituição instalou-se num imóvel, na região central de Curitiba⁵, no qual denominou de Escola Senac. Como era amplo, os cursos realizados em cooperação com escolas da capital passaram a ser realizados no Senac, ou seja, tornaram-se cursos próprios. Diante disso, para que os professores conhecessem os interesses e a realidade da escola, a equipe passou a realizar reuniões pedagógicas mensais, com o objetivo de resolverem os problemas escolares, ocasionados pelo corpo discente ou docente (SENAC/PR, 1956). Em paralelo à mudança de imóvel, ao aumento do número de cursos próprios e, conseqüentemente, de alunos e professores, o Senac/PR analisou a possibilidade de manter os docentes em tempo integral na escola, pois era necessário que eles estabelecessem uma integração com a estrutura, as finalidades e os ideais da instituição.

Após dois anos de experiência com um corpo docente transitório, o Senac/PR decidiu renovar o quadro, por meio da realização de provas de seleção e concurso que pudessem trazer docentes com capacidade pedagógica. Esse concurso foi organizado de forma constituir bancas examinadoras, compostas por cadeiras das disciplinas de português, francês, matemática, desenho, história, geografia, matérias técnicas e cultura geral do curso de aprendizagem elementar. Cada cadeira tinha dois exami-

⁵ Rua Treze de Maio, 450.

nadores e um presidente. Os candidatos deveriam cumprir as etapas de provas de título, escrita e didática. Ao final foram contratados nove professores, sendo oito como estagiários e um como professor suplementar. (SENAC/PR, 1959). Em razão da importância dispensada pelo Senac/PR à contratação dos professores que iriam ministrar as aulas nos cursos

Figura 3 – Professor de Matemática Francisco de Lima. Atividades de ensino. Ano Letivo 1960.
Fonte: Acervo do Senac/PR.



próprios e obrigatórios desenvolvidos por eles, registraram a imagem fotográfica de alguns deles, durante o desenvolvimento da prática pedagógica. Essa atitude é muito comum de ser encontrada na história e na memória das instituições escolares, que captam em imagens fotográficas o corpo diretivo e de docentes, como forma de homenageá-los pela dedicação prestada ao trabalho junto às escolas (SOUZA, 2001, p. 90).

O professor responsável pela cadeira de matemática, no curso de Aprendizagem Pre-

liminar foi Francisco de Lima, representado na Figura 3. Percebe-se na figura, que o enquadramento utilizado pelo fotógrafo foi frontal, vertical e de corpo inteiro. Na imagem, o docente aparece sozinho, e, portanto, cabe considerar que todo o entorno do fotografado foi desconsiderado no momento do registro. No entanto, ele não deixou de existir, uma vez que na própria fotografia é possível perceber, que no exato momento da captura da imagem, o docente estava em movimento explicando sobre o conteúdo escrito no quadro-de-giz. A postura que o docente se apresenta no recorte fotográfico, com uma das mãos para trás das costas, denota seriedade, postura e poder sobre o conhecimento e os alunos que não aparecem no limite da cena retratada, mas que estavam lá. O posicionamento do fotógrafo para registrar a imagem do professor, não parece ter sido ocasional, pois indica que ele intencionou fazer a foto, de forma limitar o recorte apenas para o docente, por decisão própria ou por encomenda. De qualquer forma, deu destaque e exclusividade ao docente fotografado.

A iniciativa do Senac/PR em registrar imagens dos professores que faziam parte do quadro de funcionários da Instituição, pode ser considerada uma maneira de ressaltar o trabalho que desenvolviam com os alunos, mas também de divulgar a escola para a comunidade em geral e os empresários do setor de comércio.

Diferenças de idades no curso Prático de Comércio

O curso Prático de Comércio ou Balconista foi um dos primeiros a ser desenvolvido pelo Senac/PR. De acordo com as Diretrizes Gerais da instituição essa ação se enquadrava como Curso de Continuação (CC), ministrado aos comerciários adultos, empregados em casas comerciais, sem nenhuma formação profissional e que buscavam conhecer as práticas de atividades comerciais. Estava subdividido em três tipos de cursos: Fundamental (CCF), Habilitação (CCH) e Intensivo (CCI). Para participar do curso Fundamental era necessário que o aluno soubesse ler, escrever e contar. Já para participar dos cursos de Habilitação e Intensivo

era necessário apresentar a conclusão do curso primário completo. Além disso, para matricular-se em qualquer um desses cursos, exigia-se a idade mínima de 16 anos, aptidão física e mental, conhecimentos essenciais, não ter doenças contagiosas, estar vacinado contra a varíola e não estar matriculado em cursos de aprendizagem no Senac/PR (REVISTA DO COMÉRCIO, 1947).

Ao relacionar o objetivo do curso Prático de Comércio com os requisitos para matrícula percebe-se certa incoerência, uma vez que no primeiro item, o curso destinava-se a pessoas adultas que já estavam trabalhando e no segundo, o candidato deveria apresentar no mínimo 16 anos de idade. Com base nessas informações e na legenda correspondente, pode-se presumir que as turmas não eram constituídas por tipo, ou seja, fundamental, habilitação e intensivo, mas por número de alunos matriculados. Logo, nesse aspecto, os requisitos de matrícula referentes ao nível de escolaridade ou conhecimento que cada aluno possuía eram ignorados, uma vez que ao mesmo tempo em que na sala de aula havia pessoas que sabiam ler, escrever e contar, também tinha aqueles com ensino primário completo e provavelmente um nível de compreensão mais aprofundado em relação à outra exigência.

A Figura 4 traz o recorte fotográfico de uma turma do curso Prático de Comércio, realizado em 1949, nas instalações do Ginásio Sagrada Família de Campo Largo. Percebe-se que o enquadramento horizontal da foto tomada pelo fotógrafo, excluiu alguns alunos que estão mais à esquerda da imagem. Logo, sugere-se que esta fotografia traz o que Dubois (1993), denomina de espaço *off*, ou seja, percebe-se, nesse caso, que há um ou mais alunos que não foram retidos pelo recorte fotográfico, porém, independentemente disso, eles não deixaram de estar marcados por suas presenças no ambiente inscrito na foto, pois embora estivessem nesse espaço no instante do registro, localizavam-se fora do campo visual do fotógrafo (DUBOIS, 1993, p. 179).

Nota-se na imagem que o curso foi realizado no período noturno, numa noite aparentemente fria, a se basear pela vestimenta dos alunos. A cena retratada denota que os alunos tinham conhecimento que iriam compor um recorte fotográfico, pois, enquanto há alguns que escrevem

ou simulam a escrita, há alunas que dirigem o olhar para a câmera e sorriem, outros a fitam com seriedade ou, ainda, como fez a aluna que está sentada na primeira coluna abaixo da janela, virou o rosto para a parede e sorriu.

Figura 4 – Curso Prático de Comércio e Fundamental, em 1949. Fonte: Acervo Senac/PR.



Ao observar as fotografias, a primeira coisa que identificamos é a notável permanência dos elementos estruturantes da organização das salas de aula: a distribuição dos alunos em filas e voltados para a mesma direção; a existência de suportes da escrita, como folhas soltas, cadernos e quadros-negros; a utilização de objetos para escrever, como giz, lápis e canetas; a posição corporal dos estudantes, sentados em cadeiras e com os braços apoiados em mesas [...]. (VIDAL, 2009, p. 28).

Segundo Souza (2001, p. 93), as salas de aula são de forma geral, os ambientes menos fotografados em comparação a outras tipologias fotográficas características das instituições escolares, como as imagens das classes de alunos. Elas apresentam um padrão de estrutura interna muito

comum no âmbito escolar, com construção retangular, quadro-de-giz, carteiras duplas, relógio de parede, armário, entre outros itens típicos desses espaços. (SOUZA, 2001, p. 94). A Figura 5 corresponde a mais uma turma do Curso Prático de Comércio desenvolvida pelo Senac/PR e mostra algumas das características apontadas por Souza (2001), como o formato da sala e das carteiras fixadas ao chão.

Figura 5 – Curso Prático de Comércio e Fundamental, em 1949. Fonte: Acervo Senac/PR.



Além disso, a imagem fotográfica traz a representação de uma classe mista, constituída por alunas e alunos organizadamente sentados em duas colunas de carteiras duplas. Na primeira à esquerda as alunas estão em trios, já na coluna central pode-se observar os alunos, em duplas, com exceção de dois que estão sentados individualmente. A coluna de carteiras à direita da imagem está, aparentemente, vaga. O recorte fotográfico também apresenta o professor em pé, ao lado dos alunos, com as mãos para trás, numa postura corporal que indica autoridade e referência. Não há materiais escolares, como cadernos, livros, canetas, lápis, entre ou-

tros, dispostos sobre as carteiras, tampouco vestígios dessa natureza na cena retratada.

Para Souza (2001, p. 93), “a pose exagerada representa uma caricatura da disciplina escolar”, isto é, a disposição dos alunos e do professor para o registro da cena, não reflete o cotidiano da sala de aula, mas a imagem que se preocupam em divulgar. Sob o ponto de vista técnico é possível considerar que o fotógrafo organizou a cena para o registro de forma que o enquadramento horizontal e diagonal, utilizado por ele, abrangesse todas as alunas, os alunos e o professor.

Com exceção de uma única aluna que se virou para a parede no momento do registro fotográfico, todos os demais, olham para a câmera. A artificialidade da cena retratada vem ao encontro do que François Soulagés (2010) denomina de encenação. Para ele, toda e qualquer fotografia é encenada, isto é, as pessoas representam diferentes personagens frente a um fotógrafo e a câmera fotográfica. Logo, não há neutralidade nessa relação, pois enquanto aquele que será fotografado mostrar-se da maneira como entende ou intenciona, o fotógrafo organiza a cena, de modo registrar aquilo que ele quer expor. Por isso as imagens fotográficas não passam de uma representação (SOULAGES, 2010, p. 72).

Considerações finais

Este estudo teve a finalidade de analisar algumas representações visuais presentes nas salas de aula do ensino comercial desenvolvido pelo Senac, no Paraná, no período compreendido entre 1947 a 1961. O primeiro deles refere-se à inserção feminina que embora estivessem presentes, apresentavam-se em menor número em comparação aos alunos do sexo masculino. Isso provavelmente se deu, porque as mulheres geralmente quando se preparavam profissionalmente voltavam-se ao magistério. Percebeu-se, portanto, que quando o curso não era organizado apenas para o público masculino, algumas turmas destinavam-se apenas aos homens. E quando as turmas de alguns cursos, como Prático de Escritório, eram mistas, ou seja, tinham alunos de ambos os sexos, identificou-

se, visualmente, diferenças de idades entre eles. As imagens fotográficas mostram que eles se sentavam entre os alunos aparentemente com mais idade, ou separados, mas na mesma sala de aula. Outro item observado nas imagens fotográficas do Senac/PR está relacionado ao quadro de docentes, que se mostrou mais masculino, diferentemente do que ocorria em outros ramos de ensino. Além disso, percebeu-se, a importância dada pelo Senac/PR aos docentes que atuavam nos cursos próprios, pois eles tinham as suas respectivas imagens representadas em fotografias, no momento em que estavam em sala de aula. Esse texto apontou apenas algumas representações visuais o ensino comercial desenvolvido pelo Senac/PR, isso significa que há inúmeras outras possibilidades de aprofundamento e expansão da pesquisa, a partir do acervo fotográfico dessa instituição.

* * *

Referências

- ABDALA, R. D. *Fotografias escolares: práticas do olhar e representações sociais nos álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos (1895-1966)*. São Paulo, 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2013.
- ALMEIDA, J. S. *Mulher e Educação: a paixão pelo possível*. UNESP. São Paulo, 1998.
- BLOCH, M. *A apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BONATO, N. M. C. *A escola profissional para o sexo feminino através da imagem fotográfica*. Campinas, 2003. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, 2003.
- BURKE, P. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. 2ed. São Paulo: UNESP, 2010.
- CANABARRO, I. Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações. *Revista Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXI, n. 2, p. 23-39, dez. 2005.
- _____. Fotografia e história: questões teóricas e metodológicas. *Revista Visualidades*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 98-125, jan./jun, 2015.

- CERTEAU, M. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Me-
nezes. 2.ed. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2006.
- _____. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*. Dou-
rados, MS, v. 13, n. 24. P. 15-29, jul./dez., 2011.
- CINTRA, E. P. U. *Ensino Profissional Feminino em Curitiba: A escola
Técnica de Comércio São José (1942-1955)*. Curitiba, 2005. Dissertação
(Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. 2005.
- DUBOIS, P. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papyrus, 1993.
- KOSSOY, B. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. 2.ed. São
Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- _____. *Fotografia e história*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- _____. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia: Ateliê Editori-
al, 1999.
- _____. O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncio
das imagens. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, n. 49, p.
35-42, 2005.
- LEITE, M. M. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. 3. ed.
São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- MACHADO JR., C. *Fotografias da vida social: identidades e visibilida-
des nas imagens publicadas na Revista do Globo (Rio Grande do Sul, dé-
cada de 1930)*. Tese (Doutorado em História), Universidade do Vale do
Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011.
- MAUAD, A. M. *Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*.
Niterói: EDUFF, 2008.
- MENESES, U. T. B. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço
provisório, propostas cautelares. In: *Revista Brasileira de História*. Vol.
23, n.º 45. São Paulo: ANPUH, 2003. Pp. 11-36.
- PANDOLFI, D. *Repensando o Estado Novo*. (Org.). Rio de Janeiro: Ed.
Fundação Getúlio Vargas, 1999. 345 p.
- PINSK, C. B. *Mulher dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.
- RAGAZZINI, D. Para quem e o que testemunham as fontes da História
da Educação? In: *Educar em Revista*. Curitiba: Editora da UFPR, n.1,
2001. p.13-28.
- ROUILLÉ, A. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São
Paulo: Senac São Paulo, 2009.
- SONTAG, S. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- SOULAGES, F. *Estética da Fotografia: perda e permanência*. São Paulo:
Senac, 2010.
- SOUZA, R. F. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da
escola primária. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 18, p. 75-101, 2001.

VIDAL, D. G. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e práticas escolares. *Currículo Sem Fronteira*, v. 9, n. 1, p. 25-41. Jan./jun. 2009.
VIDAL, D. G.; ABDALA, R. D. A fotografia como fonte para a História da Educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa. *Revista do Centro de Educação UFSM*. Dossiê: História da Educação. V. 30, n. 2. Santa Maria, RS, 2005, p. 177-194.

Fontes documentais

BRASIL. *Decreto-lei nº 8.621, de 10 de janeiro de 1946*. Dispõe sobre a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial e dá outras providências.

_____. *Decreto-Lei nº 8.622, de 10 de janeiro e 1946*. Dispõe sobre a aprendizagem dos comerciários, estabelece e deveres dos empregadores e dos trabalhadores menores relativamente a essa aprendizagem e dá outras providências.

SENAC. Departamento Nacional. *Senac 60 anos*. Rio de Janeiro: Senac Rio de Janeiro, 2006.

SNEAC PR. Departamento Regional no Estado do Paraná. *Relatório de Gestão 1947*. Curitiba: Senac Paraná. 1948.

_____. Departamento Regional no Estado do Paraná. *Relatório de Gestão 1952*. Curitiba: Senac Paraná. 1952.

_____. Departamento Regional no Estado do Paraná. *Relatório de Gestão 1956*. Curitiba: Senac Paraná. 1956.

_____. Departamento Regional no Estado do Paraná. *Relatório de Gestão 1957*. Curitiba: Senac Paraná. 1957.

_____. Departamento Regional no Estado do Paraná. *Relatório de Gestão 1959*. Curitiba: Senac Paraná. 1959.

Periódicos

Revista do Comércio. Notícias do Senac vindo de toda parte. n. 21. v. III, ano III, agosto de 1947.

Recebido em 1º de setembro de 2017.
Aprovado em 03 de dezembro de 2017.